

PELOS CAMINHOS DE ABRIL...

Mariano Garcia

Falar do 25 de abril de 1974 e dos tempos que se lhe seguiram é relembrar o DIA mais extraordinário que os portugueses terão vivido no último século e o seu grito de LIBERDADE, a que se seguiram dias de grande indefinição, mas de enorme entusiasmo popular, com cenas memoráveis de altruísmo e solidariedade e momentos de extrema felicidade pelas conquistas alcançadas, que alternaram com outros de derrota e enorme frustração, resultado de tudo aquilo que se fez, ou que ficou por fazer.

O Dia...

Acordei pouco passava das seis horas da manhã. Batia-me à porta um vizinho, simultaneamente colega de trabalho, cumprindo o horário noturno, para me avisar:



“Mariano, não saia de casa... estão a avisar pela rádio... houve um golpe militar e querem que as pessoas não vão para a rua. A empresa mandou-nos sair e fechou portas... não precisa ir trabalhar...”

Reagi à notícia inesperada e liguei a rádio... marchas militares e comunicados confusos... apelos à serenidade do povo, que não deveria sair à rua. Da surpresa passei ao raciocínio ponderado. A linguagem e o tom das mensagens soavam a algo de novo.

Saí para a rua e... vivi esse dia inolvidável!

Aqueles que, como eu, andavam nas ruas saudavam-se com alegria e esperança...

Também os militares estavam na rua, armados, mas (oh, surpresa!), tinham cravos no cano das suas espingardas!

Nós e os militares, abraçando-nos, formávamos um só – o POVO de Portugal!

Não nos separamos mais, antevendo a chegada de uma Primavera que tardava.

Era a... LIBERDADE!

A Liberdade...

Salgueiro Maia, herói central do “golpe de estado” em marcha, depois de se expor heroicamente na Ribeira das Naus, conquistando a admiração dos companheiros e daqueles que enfrentou, concretiza no Carmo a vitória dos “Capitães de Abril” e o povo exulta de alegria. Fora derrubada a ditadura que subjugara os portugueses durante mais de 40 anos. Os cravos subiram nos canos das espingardas, os militares viraram heróis e o povo eufórico gritava LIBERDADE.

**“Foi então que abril abriu
as portas da claridade
e a nossa gente invadiu
a sua própria cidade”**

Ary dos Santos

Vivi a Festa no Largo do Carmo, depois de ter assistido (de local privilegiado) à rendição formal do Presidente da República, no quartel da Polícia Militar, em Belém.

Nesse dia maravilhoso os “Capitães de Abril” derrubaram o Poder caduco e entregaram ao Povo o seu destino de país independente, livre e democrático, liberto do jugo da ditadura e da censura, e deu-se início a uma **Revolução**, exigindo a liberdade para os presos políticos, o fim da guerra colonial, justiça e igualdade de direitos e oportunidades, e Paz, Pão, Habitação, Saúde e Educação para todos os portugueses.

Com exceção dos dois primeiros, são alvos que ainda estão por conseguir...

Conversa oportuna ...

Antes de continuar, reproduzo aqui um texto que preparei para uma oportuna conversa com os meus netos:

“Queridos netos,

Porque dialogar convosco se tornou coisa difícil, não porque tenha deixado de existir entre nós o tradicional elo de união familiar, ou eu tenha deixado de sentir o carinhoso respeito e afecto que sempre me dispensam, o que me dá conforto e alegria de viver, mas porque a sociedade de hoje, na sua acelerada ânsia de viver, deixou de conceder aos jovens adultos o tempo e a serenidade para escutarem os mais velhos, e também porque muito ainda está por dizer no nosso prolongado diálogo de conhecimento e aprendizagem mútuos, ao qual atribuo elevado valor, resolvi retomar deste modo um assunto que, merecendo estar registado como o mais glorioso feito da História de Portugal do último século, carece ainda de profunda análise e aberto diálogo entre gerações, para ser convenientemente percebido e aceite pela maioria dos portugueses, especialmente os mais jovens, já que durante os quase cinquenta anos passados tem servido, quase sempre e apenas, para aproveitamento de espúrias lutas políticas, colagem de falsos protagonismos, ou duvidosas análises dos falsos profetas.

O 25 de abril de 1974 é um facto histórico de que só alguns podem orgulhar-se; e esses são os merecedores do nosso respeito e veneração, até.

Já por vós conhecido, o documento atrás reproduzido representa o meu grito de alegria saudando o dia inesquecível e o acontecimento fantástico acabado de viver.

Por isso, quero falar-vos, mais uma vez, desse dia extraordinário que foi o 25 de abril de 1974, porventura o mais feliz da minha vida. Dia esse que vivi em exaltação, não como protagonista, entenda-se, mas como interessado cidadão anónimo no meio de milhares de outros cidadãos, expectadores exultantes daquele acto heróico de um “punhado de militares”, que devolveram a liberdade aos portugueses e puseram fim à guerra colonial.

Sei que nunca ninguém, nem na Escola nem na Universidade, na Família, ou mesmo eu próprio, vos falou com alguma profundidade e sentimento patriótico desse dia maravilhoso que mudou Portugal, e muito menos do que foi e do que poderia ter sido a história dos dias que se lhe seguiram, na reconstrução de um país ignorado, empobrecido, desmoralizado por uma guerra sem sentido, que só alguns queriam, isolado da Europa que parecia querer organizar-se enquanto comunidade de países.

Era o tempo de construir novos caminhos e por eles implantar o nosso futuro, por alguns prometido, por outros desejado, por todos esperado. Muita coisa se fez, mas...

Muito mais ficou por fazer!...

É por isso que vos quero falar do “meu” 25 de abril, que começou naquele dia de 1974 e durará eternamente, enquanto durarem dentro de mim e em cada um de nós os altos valores que nos transmitiu e muitos desconhecem, ou não lhes prestaram a exigida atenção.”

Por isso deveremos continuar a falar do 25 de abril, confrontando opiniões e memórias para que o bom que nos ofereceu seja preservado e melhorado, servindo os erros cometidos apenas de valioso elemento de estudo para correção ou aperfeiçoamento das metas esperadas, e não para o eternizar de pequenas guerras estéreis na disputa de protagonismos e valores pessoais, muitas vezes não existentes.

Um país em construção...

Confesso que a euforia me conquistou por completo, despertando em mim o entusiasmo de um jovem adulto e a ânsia de participação nas iniciativas populares, abrindo caminho à construção de um país novo, mais aberto, mais fraterno, mais confiante e mais produtivo.

Fortalecido por um forte sentimento de cidadania e uma consciência de participação democrática que, fazendo já parte de mim desde bem jovem, ajudara a formar o meu carácter, parecia encontrar a sua aplicação prática, ao serviço de novas ideias, com as quais queríamos participar na resolução dos graves problemas que sobrecarregavam o povo, especialmente aos mais carenciados.

Cedo verifiquei a iniquidade das corridas a privilégios ou interesses mesquinhos, que os partidos já existentes alimentavam despidoradamente e decidi manter-me longe de tais querelas, colaborando nas iniciativas, aparentemente menos importantes, mas que eram garantidamente mais genuínas e de benefício directo para os cidadãos, na convicção de que essa era a minha maneira firme de servir a **Revolução** – servir o Povo e o País.

Após o “golpe de estado”, o Movimento das Forças Armadas (MFA) reorganizou-se, mas já penetrado de falsos apoiantes, hesitantes, curiosos, detractores e oportunistas (gerando bolsas de desentendimento que vieram prejudicar a sua consistência e puseram em causa o seu Programa), tornou o poder mais débil, deixando que nos postos de comando se instalassem generais avessos à **Revolução** e aos verdadeiros interesses do Povo, que procuravam apenas consolidar as suas próprias posições de mando.

Esta falta de visão política e de procura de objectivos reais e patrióticos terá gerado certa confusão que levou anos a definir-se e muito contribuiu para a falta de uma verdadeira democracia de que Portugal ainda hoje padece.

Mas, alheio a estratégias políticas e ignorante da organização e meandros da vida castrense, deixo para os que foram ou são militares e para os políticos as análises que podem merecer os confusos movimentos que então se geraram, na ignorância de um povo feliz que procurava organizar-se e encontrar caminhos do futuro...

**“Depois da fome, da guerra, da prisão e da tortura,
vi abrir-se a minha terra como um cravo de ternura.
Vi nas ruas da cidade o coração do meu povo,
gaivota da liberdade voando num Tejo novo.
Agora o povo unido nunca mais será vencido,
nunca mais será vencido.
Vi nas bocas vi nos olhos
nos braços nas mãos acesas,
cravos vermelhos aos molhos
rosas livres portuguesas.
Vi as portas da prisão abertas de par em par,
vi passar a procissão do meu país a cantar”**

Ary dos Santos

Morava então na Amadora, uma gigantesca freguesia de 200.000 habitantes, pertencente ao Concelho de Oeiras, que integrava a chamada “cintura industrial de Lisboa”, onde se situavam algumas das unidades fabris mais significativas do País. Era naquele tempo um “monstro populacional”, onde a população se aglomerava, nem sempre com a qualidade e organização que se exige a uma cidade em crescimento, onde os prédios se misturavam convulsamente com os aglomerados de barracas, a que dificilmente se poderia chamar habitações, com toda a espécie de carências que desvalorizavam e atormentavam a vida dos seus locatários, na quase generalidade operários das suas unidades fabris.

Com alguma surpresa, esta Amadora em crescimento irregular e anacrónico, foi, por certo, um dos exemplos mais marcantes desse frenesim popular

e eu, aprendiz interessado e participante activo da Revolução em marcha, presente nas concentrações que as entidades administrativas usavam realizar para ouvir as populações e recolher o feedback das necessidades e carências sentidas nas mais diversas áreas, depressa me vi envolvido em algumas das muitas iniciativas que iam tomando corpo.

Com entusiasmo abracei diversas tarefas, ombro a ombro com outros dedicados voluntários, numa sobrecarga da exigente vida profissional, que nunca descurei, preenchendo os meus tempos livres que foram muito para lá dos períodos de descanso, quase sempre transformados em alegres vitórias da solidariedade e da cidadania

Para além do que me consente a minha memória de octogenário, que procuro reproduzir com fidelidade, pouco existirá escrito que constitua base documental para as minhas afirmações neste documento. Por isso, elas valem o que valem no interesse humano e social que tiveram. Para a minha aprendizagem, como cidadão, valeram muito.

Em todas as funções que me foram confiadas procurei envolver-me de alma e coração, com a possível competência, quase sempre de “corpo presente e viva-voz”. Lembro algumas:

- **Cooperativa de consumo** – perante as carências e baixo poder de compra da população, esta foi uma das primeiras iniciativas de que tive notícia e logo juntei o meu ao esforço dedicado de meia dúzia de amigos. Colando boa vontade ao meu desconhecimento nesta área de actividade, colaborei alguns meses no excelente trabalho realizado por outros mais sabedores, até ao normal funcionamento da cooperativa, que veio a durar alguns anos, enquanto foi considerada útil.

- **Campanhas de alfabetização e esclarecimento democrático** – Aplaudi o movimento criado por iniciativa de jovens militares e de estudantes universitários. Entendi colaborar, embora em iniciativa individual. Observei coisas maravilhosas, mas não gostei de tudo o que se fez. Na época, reflecti os meus comentários no pequeno jornal onde colaborava.

- **Comissão de moradores** – uma das entidades que, desde logo, se apresentou mais necessária foi a Comissão de Moradores, órgão representativo da população de um determinado bairro ou local, que se constituía por eleição (ou rejeição) dos voluntários que se disponibilizavam para participar. Sem qualquer regulamento oficial aprovado (no início), assumiram-se desde logo

como os legais representantes dos interesses da população local, procurando enquadrá-la dentro dos objectivos comuns, que discutiam em frequentes reuniões plenárias. Mais tarde, as autoridades administrativas aceitaram esta entidade, atribuindo-lhe legalidade, direitos e obrigações de funcionamento. Prestaram altíssimos serviços à população.

Participante activo na primeira reunião realizada no meu Bairro, fui “empurrado” para a Comissão de moradores local, na qual participei alguns anos contribuindo para os bons resultados obtidos. Por escolha dos meus pares, fui durante esse tempo o delegado às reuniões do Conselho de Freguesia e Conselho Municipal, então igualmente criados pelas Juntas de Freguesia e Câmaras Municipais.

- **Comissão de Pais na Escola Primária** – Seguindo princípios que me norteavam, dispus-me a participar na Comissão de Pais da escola da minha filha, que atribuía a si própria o acompanhamento da vida escolar e do trabalho dos professores, chamando a si as tarefas lúdicas e a organização de actividades externas, que beneficiavam os alunos e aliviavam o esforço dos professores, mantendo com estes um diálogo apreciativo permanente.

- **Associação de apoio a crianças deficientes** – Foi também o momento de se juntarem os pais que sofriam o tormento de ter de cuidar de filhos com deficiências motoras ou cognitivas. Era preciso criar um espaço para acolher e cuidar dessas crianças. Afortunadamente, não me atingia tal drama, mas a solicitação de um amigo, integrante da Comissão organizadora, participei nos primeiros passos da organização e, com o patrocínio da Junta de Freguesia e o apoio técnico da CERCI (Lisboa), foi possível criar uma extensão desta entidade na Amadora. Nasceu a CERCIAMA....

- **Comissão de Pais na Escola Secundária** – O crescimento demográfico da Amadora era enorme. Eram precisas mais escolas, que logo foram projectadas, mas levaram algum tempo a entrar em funcionamento. Dada a urgência, a hoje denominada “Escola Secundária de Alfovelos” foi, numa 1ª fase, erguida em local ermo, com pavilhões pré-fabricados e deficientes estruturas de apoio, que perturbaram o seu funcionamento, preocupando pais e professores. As dificuldades criadas pelos desentendimentos entre construtor e fornecedores de água e electricidade, levaram à criação de uma Comissão de Pais “ad hoc” (mais tarde votada e aprovada em assembleia de pais), que ajudou a sanear os problemas iniciais e continuou exercendo um excelente trabalho, quer didáctico

junto dos pais, ajudando-os a entender a dinâmica de uma Escola Secundária e as obrigações que lhes cabem, quer no apoio à direcção da escola que sempre teve na Comissão de Pais um interlocutor válido e um esteio para os seus problemas, quer com as autoridades civis e policiais solicitadas para enfrentar e reduzir os problemas de falta de segurança, criados pelo isolamento e vulnerabilidade da escola.

- **Assembleia de Freguesia, Assembleia Municipal e Conselho Municipal** - Participação em cada um destes Órgãos, na qualidade de representante, por delegação das Comissões onde participei.

- **Grupo de Saúde da Amadora** - com algum orgulho e sentido de dever, porque dele fiz parte central e permanente, devo citar com destaque o valioso e consequente trabalho realizado pelo Grupo de Saúde, nascido “ad hoc” (1975) num dos plenários da Junta de Freguesia, a que acima se faz referência, e mais tarde reconhecido por aquela autoridade administrativa e pela Administração Regional de Saúde, o Grupo de Trabalho (6 pessoas) propôs-se realizar o estudo das carências de saúde na Freguesia e participou nas mais diversas iniciativas realizadas na área da Saúde, como foram a instalação do Grupo Local de Saúde Mental (equipa do Hospital Miguel Bombarda) e a instalação do bem apetrechado Laboratório de Análises Clínicas que equipou o Posto de Saúde da Amadora-Centro e, sobretudo, o completo e bem elaborado **Projecto do Serviço de Atendimento Permanente da Amadora, SAP**, entregue em mão ao Ministro da Saúde Armando Bacelar (1976), pelo Coordenador da Comissão Dr Luís Magão, na presença de outros elementos do Grupo. Após aprovação, entrou em funcionamento em Março de 1977, e veio a servir de modelo às várias centenas que existiram por todo o País. Tratava-se de uma unidade independente dos demais Postos de Saúde da ARS, com horário de funcionamento de segunda a sexta das 20h00 às 8h00 da manhã, e nas 24 horas dos sábados e domingos, com 10 equipas de dois médicos, acompanhados de um enfermeiro e um administrativo.

Foram mais de dois anos de trabalho árduo e permanente, milhares de horas de cuidadoso empenho, estudando a filosofia de acção, o método organizativo e de desempenho, horário de funcionamento, estatuto dos profissionais, instalação dos serviços, mobilização de pessoal e observação do arranque, etc.. A elaboração de uma estatística aos primeiros seis meses de laboração, confirmou o pleno êxito do Projecto.

Surpreendentemente, todo esse trabalho de voluntariado absoluto e entusiástico não veio a registar, sequer, o mais singelo agradecimento ou referência de qualquer Entidade Oficial, fosse o Ministro da Tutela, que recebeu o Projecto em mãos, sem custos, fosse qualquer outra das Entidades que lhe são subordinadas, ou mesmo uma referência na imprensa. Não dei por nada e... assim passou o Grupo de Trabalho de “parceiro privilegiado” da ARS de Lisboa, para o mais absoluto desconhecimento da sua existência efémera.

Mais uma vez me senti atingido pela política e pelos maus políticos, mas não é isso que me fará descreer das verdadeiras virtualidades do 25 de abril de 1974. Mantenho a esperança de que, em futuro próximo, tudo será diferente.

Porque o VINTE E CINCO DE ABRIL não é (não pode ser!) apenas um dia comemorativo de um feito extraordinário na nossa história de portugueses, que surpreendeu o mundo, que nos premiou com a sua admiração e respeito. Mais do que isso, é toda uma expressão que arrasta consigo uma carga de valores, apelos e sentimentos de cidadania, respeito ao próximo, solidariedade, justiça, lealdade, fraternidade, patriotismo, etc.

Que os portugueses acordem e saibam aprender que dentro de si está a força e o futuro de um país que é o seu. Viva Portugal!

Tempo de reformas...

Finalmente!

O nosso País, agora verdadeiro, é percorrido de lés a lés por um frémito de exaltação em que os homens, agora livres, vão tendo consciência da sua própria força e procuram participar activamente na reconstrução de uma sociedade por demais alienada e dividida para, só por si, saber traçar de imediato os caminhos mais convenientes que o povo, agora desperto, terá de percorrer.

As pessoas unem-se em grupos, começando a aprender que a voz colectiva tem inegavelmente mais força do que o desesperado grito individual. As instituições renovam-se e democratizam-se procurando ir ao encontro dos desejos e necessidades de um povo carecido de muitas coisas.

Mas o caminho é longo e duro.

A estrutura de uma Sociedade organizada é processo demorado que não pode ser realizado apenas com o entusiasmo gerado pelo movimento que pas-

sa ou na base da sabedoria de alguns e a aquiescência passiva das maiorias, mas assente, solidamente assente, no conhecimento e participação de todos, convenientemente esclarecidos e cientes daquilo que mais desejam.

Campanhas de alfabetização, de sanidade e de esclarecimento das populações rurais mais afastadas dos centros urbanos estão organizadas, em iniciativas que partem, principalmente, de grupos estudantis que a esta actividade dedicarão o tempo das suas férias escolares.

A juventude tem uma palavra a dizer no processo de renovação da nova sociedade portuguesa. Da sua generosidade, da sua força, da sua isenção, muito se poderá esperar.

Mas é forçoso que, antes, a nossa juventude se encontre a si própria, transpondo e adaptando para as realidades da nossa vida as virtuosidades teóricas das ideologias formadas a partir de leituras apressadas, ou assistindo a comícios palavrosos, sem objectivos concretos.

É preciso viver algumas dessas experiências e transformá-las em realidades palpáveis que possam ser aceites ou, pelo menos, consideradas pelos outros. E sobretudo é imperioso que os jovens não fechem os olhos quando pensam e defendem *a sua verdade*, mas olhando em volta para considerar que também existem *as verdades dos outros*, credoras, portanto, do seu respeito e da sua atenção.

As virtualidades do diálogo terão de ser a ciência aprendida e ensinada por uma juventude consciente da força que representa a sua adesão ou repúdio a qualquer ideia.

O aproveitamento das potencialidades de cada um, independentemente da sua cor, credo ou convicção, terá de ser a técnica cultivada e transmitida por uma juventude apostada em quebrar barreiras que separam os homens.

A acção dos generosos jovens universitários não deverá confundir-se com a de vendedores ambulantes de cultura, semelhante à das bibliotecas itinerantes que passam, de longe em longe, deixando um gosto bom, do qual em breve existe apenas uma saudade amarga.

Essa acção terá de ser a de uma perfeita integração nas realidades locais; recolha do maior número possível de elementos que, no momento e local próprios denunciem as situações, propondo para elas as soluções adequadas e justas; estabelecimento de bases reais que, sem fantasias, permitam uma

continuidade da actividade local pelos meios próprios e construam, para as aspirações culturais desses lugares distantes, um caminho curto e directo que os ligue a meios culturais mais evoluídos.

E, acima de tudo, terá de existir uma forte convicção de comunicabilidade social, um calor humano capaz de desfazer muros de justificável dúvida.

Aos jovens estudantes, oriundos de camadas mais favorecidas das populações citadinas, que vão partir ao encontro desse Portugal desconhecido, a quem vão transmitir a luz dos seus conhecimentos, não pode faltar a humildade e a sincera predisposição de colherem por lá as maravilhosas lições de amor, de rude firmeza e lealdade, que são riqueza bem grande dessa gente simples, que nada mais tem para oferecer em contrapartida. O respeito por todos esses sentimentos e a consciencialização de que o seu labor árduo é também uma força na reconstrução do País, não pode estar fora do programa dos forasteiros.

A democracia pressupõe mais dar que receber. E ela se constrói tanto com a inteligência dos intelectuais clarividentes como com o braço leal e forte dos trabalhadores esforçados, desde que a todos iguale o conceito da honra, da lealdade e da justiça.

Que cada um ofereça o que puder, num gesto altruísta e consciente de quem trabalha não para si mas para o bem comum.

VIVA O 25 DE ABRIL!!!!!!!!!!!!